



XII SHCU

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:
UMA VIA DE MÃO DUPLA**

SEMINÁRIO DE
HISTÓRIA DA
CIDADE E DO
URBANISMO

Porto Alegre
15 a 18 de outubro
2012

XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo
Outubro de 2012
Porto Alegre - RS - Brasil

O CINEMA COMO REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM: REFLEXÕES SOBRE NOVAS
POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Marina Cañas Martins (PROPUR/UFRGS) - marinacanas@yahoo.com.br

Arquiteta e Urbanista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS) e integrante do Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT/UFRGS).



O CINEMA COMO REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM: REFLEXÕES SOBRE NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Resumo

Este artigo objetiva levantar algumas questões sobre o estudo da paisagem a partir de suas representações, com ênfase no cinema. Pretende-se demonstrar que a pesquisa voltada para a produção e representação da paisagem em filmes merece o interesse geográfico, levantando o debate sobre a dicotomia entre o real e a representação do real. Também são apresentadas algumas tendências, abordagens e premissas do uso do cinema nas análises paisagísticas, procurando mostrar que é justamente a diversidade e riqueza de dados e interpretações aportadas pelas representações da paisagem no cinema, onde reside um campo fértil e ainda pouco explorado.

Abstract

This paper aims to raise some questions about the study of landscapes' representations, with emphasis on cinema. We intend to demonstrate that the research focused on the production and representation of a landscape in a film deserves geographical interest, expanding the debate on the dichotomy between reality and its representation. The paper also features some trends, approaches and assumptions adopted in landscape analysis using cinema productions as source of research, trying to demonstrate that it is precisely the diversity and richness of data and interpretations raised by the landscapes' representations in films, where a fertile and still largely unexplored field lies.

Palavras-chave

Paisagem, cinema, representação

Keywords

Landscape, cinema, representation

1 Introdução

Vi um Rio de Janeiro onírico; uma cidade construída quase totalmente pelos filmes brasileiros que eu vira. Os morros eram os de Orfeu Negro, os prédios de *Central do Brasil*, as praias as em que brincava (brevemente) *Pixote*, e o Jardim Botânico do romance malfadado de Macabéa e Olímpico de Jesus. Viajei por esta cidade fictícia por uma espécie de bonde, incrédula e extasiada... Parou o bonde e eu desci em frente do Maracanã (o Maracanã de *O ano em que meus pais saíram de férias*, suponho). Caí ajoelhada na calçada e chorei (THOMSON-DEVEAUX, 2011)¹

¹ Flora Thomson-Deveaux é americana, estudante de espanhol e português na Princeton University. Possui um blog chamado *Questões Estrangeiras* (<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes->



Muitas vezes, simplesmente por termos assistido a inúmeros filmes onde uma determinada cidade desempenha um papel de personagem, acabamos por conhecer elementos da paisagem de lugares distantes sem nunca termos nos deslocado até eles. Talvez o caso mais típico – e aquele que encontra mais consenso – seja Nova York. Todos nós temos a sensação de conhecer um pouco de sua paisagem, de suas ruas e de seu Central Park. São centenas de imagens paisagísticas de Manhattan e de outros bairros da cidade, veiculadas principalmente através do cinema, que compõem a nossa coleção de figuras que se juntam para formar a imagem de como é a cidade mais populosa e mais representada dos Estados Unidos. O mesmo ocorre com inúmeras outras cidades, como Paris ou Rio de Janeiro. As imagens como vistas e retratadas nos filmes possuem um interessante papel na construção da identidade paisagística de determinada cidade, região ou país.

A partir dessa ideia, este artigo objetiva responder às seguintes perguntas: a pesquisa voltada para a produção e representação da paisagem no cinema merece, então, o interesse geográfico? Como se encontra o debate sobre o cinema - e outros tipos de representações como meio de compreensão do real? Existe mesmo uma clara separação entre representação e real? Como estudar o cinema nas análises paisagísticas?

2 O problema da representação

Começamos pela questão da representação como fonte de pesquisa.

O estudo da cidade por meio de suas representações está presente em vários campos disciplinares. Pensar a cidade pelo viés cultural é uma preocupação contemporânea, balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade que põe em xeque a objetividade e racionalidade dos discursos tradicionalmente reconhecidos como válidos. Segundo Pesavento (2005), trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Assim, a cidade passa de um local a um objeto de reflexão, levando-nos ao estudo não apenas dos processos econômicos que ocorrem na cidade, mas das representações que se constroem na e sobre a cidade.

A representação é considerada por Pesavento (2005) como categoria central da História Cultural, incorporada pelos historiadores do início do século XX, quando houve um enfoque nos chamados povos primitivos atuais e as formas integradoras da vida social construídas para manter a coesão desses grupos. Os pesquisadores da época identificaram que essa coesão surgia através de representações em forma de normas, instituições, discursos, imagens e ritos, que ajudavam o grupo a dar sentido à vida e ao mundo que os cercava:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005: 39)

É comum encontrar autores contrapondo a realidade com sua representação, embora destaquem a importância de estudar a primeira através da segunda. No entanto, há quem vá mais além, rompendo com essa dicotomia.

estrangeiras), vinculado à Revista Piauí, o qual trata de sua experiência no Brasil em busca de dados para sua pesquisa sobre a música popular carioca da década de 20. Acessado em maio de 2012.



Pesavento (2005), por exemplo, estuda a cidade a partir dessa diferenciação. A autora destaca o significado mais puro de representação, que seria “estar no lugar de”. O que está por trás dessa substituição é o que poderia gerar informações sobre uma realidade de um determinado tempo e espaço. Realidade que pode nunca ter existido, mas pode ter sido sonhada, desejada, planejada. E, simplesmente pelo fato de ter sido pensada e elaborada, essa representação (ou mídia, no caso do cinema) faz parte de uma época e de uma maneira de ver e entender o mundo.



Figura 1 – Cena do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, de 1953.
Fonte: www.filmreference.com. Acesso em maio de 2012.

Já para Marzulo (2004), também há uma grande relevância das mídias para a construção da representação social. Segundo o autor, os instrumentos de comunicação em qualquer sociedade teriam por função construir sua representação e portanto seriam instrumentos fundamentais para a existência mesma da sociedade que se reconhece na representação difundida. Porém, sendo o mundo social e como tal, por definição, uma construção, não há representação do real, e sim disputas discursivas que elaboram e instauram o real.

Nesse sentido, contribui para a problematização as reflexões de Cauquelin (2007), para quem as formas de representação anteriores à nossa existência são determinantes na forma como entendemos o mundo, uma cidade, ou uma paisagem: “só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto. ‘Vê, como é belo...’”.

[...] a produção de imagens, essa atividade intensa de ficção que nos habita e cuja extensão e importância desconhecemos, deriva bastante da magia: a realidade do mundo na qual cremos tanto só nos é perceptível por meio de um véu de imagens, a ponto de – querendo rasgar esse véu – nós nos encontrarmos muitas vezes confrontados com o vazio. [...] Necessária transformação da realidade em imagem e, outra vez, da imagem em realidade [...] Pois, revirada, a realidade não é mais exatamente a mesma: ela é duplicada, reforçada pela ficção. (CAUQUELIN, 2007:110).

Também nessa abordagem, Donald (1999) e Clarke (1997) consideram que a cidade concreta apenas se torna real à medida que é imaginada e, conseqüentemente,



representada por diferentes meios e interpretações. Assim, sua imagem pode ajudar na compreensão das significações do que conhecemos por “cidade real”.

Aitken e Zonn (2009) lembram que a própria essência da geografia é constituída pela prática de olhar e é, na verdade, um estudo de imagens.

Nossa cultura é visual, de vídeo, cinemática. É uma colagem, um pastiche dominado pelo texto multimeio/vídeo-áudio. O cinema e a televisão transformaram a sociedade (e talvez todas as outras sociedades que tiveram contato com a câmera) no Oeste contemporâneo. Estudiosos dessa cultura e sociedade contemporâneas observam uma convergência entre aquilo que no cotidiano é *real* e como nós *imaginamos* o cotidiano.

A partir das contribuições acima, de autores preocupados com o estudo da representação da cidade (vinculados à história, sociologia, arte e geografia), podemos seguir para uma questão mais específica, a do interesse geográfico da representação da paisagem no cinema.

2 Conhecemos a paisagem quando a vemos

Na Geografia Cultural é crescente o número de pesquisadores dedicando-se ao estudo da representação como ferramenta para o entendimento de fenômenos sociais e urbanos e da constituição da paisagem. Segundo Corrêa e Rosendhal (2009:7), até 1980, aproximadamente, as pesquisas em geografia cultural tendiam a negligenciar as temáticas do cinema e da música, limitando-se à análise das expressões materiais da cultura, a exemplo da ênfase nos estudos sobre a paisagem cultural. O cinema, especialmente, não fazia parte do conjunto de assuntos correntes da geografia cultural, sendo considerado por alguns como sem interesse geográfico, “a despeito da geograficidade contida em inúmeros documentários e filmes de ficção”.

A partir da renovação da geografia cultural, na qual “significado” passou a constituir-se em “palavra-chave”, cinema, música, literatura, pintura e outras artes tornaram-se relevantes para os geógrafos, agora dotados de outras bases epistemológicas que lhes permitem interpretar as representações construídas pelos outros, “descobrem que a geografia não está apenas em toda parte, mas também nas representações a respeito das paisagens, regiões, lugares e territórios, as quais são simultaneamente, reflexos, meios e condições sociais” (CORRÊA e ROSENDHAL, 2009:8).

Azevedo (2009:101) vai na mesma direção. A autora afirma que o cinema, nas suas mais variadas expressões, ajuda a compreender o papel da memória e dos diferentes imaginários geográficos na criação de imagens de lugar e na construção de paisagens culturais. A experiência fílmica proporciona uma mudança na forma de perceber o espaço e o território, potenciando a transformação das relações entre o observador e o mundo físico. Segundo Azevedo (2009), o cinema, então, funciona como ativador na transformação das relações entre os indivíduos e o espaço: ao entrar em contato com a imagem fílmica, o espectador desenvolve uma interação específica com o espaço, e ao vivenciá-lo diretamente, o mesmo já aparecerá emoldurado.

Essas experiências diretas e indiretas podem encontrar um paralelo na própria evolução dos estudos de paisagem - principalmente na geografia, que partiram de abordagens objetivas de análise para enfoques subjetivos. A primeira abordagem, desenvolvida pelo geógrafo americano Carl O. Sauer na década de 1920 e que ainda hoje influencia inúmeros trabalhos, utiliza a análise morfológica da paisagem com enfoque na investigação de sua transformação a partir dos artefatos materiais da cultura humana. Já a segunda abordagem estuda a paisagem a partir de seus aspectos simbólicos. Essa corrente valoriza a subjetividade na pesquisa geográfica e é considerada a abordagem principal dos adeptos da “Nova Geografia Cultural”.



Essa mesma diferença entre paisagem morfológica e simbólica, é colocada por alguns autores como paisagem objetiva e subjetiva. A paisagem objetiva seria um conjunto de elementos materiais (a cobertura do solo, o relevo, etc.) possível de racionalizar e quantificar, e a paisagem dita subjetiva seria uma imagem dessa realidade, uma imagem retrabalhada pela percepção humana, através de um filtro de um esquema sociocultural (QUÉRIAT, 2006:131).

Atualmente, podem ser encontrados inúmeros estudos que entrelaçam ambas abordagens, pois são igualmente fundamentais no planejamento urbano, no estudo das representações e no debate atual acerca da gestão das paisagens.



Figuras 2 e 3 – Cenas dos filmes *Central do Brasil*, de Walter Salles (1998) e *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles (2002). Fonte: lincine.blogspot.com e cinema.terra.com.br, acesso em maio de 2012

Um dos principais defensores da inclusão da preocupação simbólica no estudo da paisagem é Augustin Berque (1998[1984]) que analisa a paisagem como marca e como matriz: é marca porque expressa uma civilização, mas também é matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, os quais canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

Seguindo a mesma linha, Costa (2005) e alguns geógrafos culturais como Duncan e Ley (1993), e Cosgrove e Daniels (1988), defendem que o estudo de um espaço não deve depender ou basear-se apenas no levantamento de dados empíricos e na análise de elementos e conceitos concretos, mas também na variedade de representações – literatura, fotografia, cinema, etc. – por meio das quais o espaço geográfico serve como discurso. Assim, suas representações podem ser estudadas não como simples ilustrações ou imagens “retiradas” da realidade concreta, mas como partes constituintes do significado dessa mesma realidade, e, portanto, o estudo da representação da nossa paisagem faz-se importante para a compreensão e o entendimento de quem somos.

Marzulo (2009) também reconhece o discurso fílmico como legítimo formulador da ideia de identidade. Segundo o autor, é imprescindível a introdução no âmbito dos estudos no campo do planejamento urbano ou territorial aqueles que problematizem a constituição da imagem da cidade na consolidação de uma identidade nacional brasileira, marcada pela modernidade.

Sendo assim, a escolha do cinema como meio através do qual a identidade paisagística pode ser estudada justifica-se pelo fato de que a maneira como são utilizados e retratados os espaços e lugares no cinema reflete normas culturais, costumes morais, estruturas sociais e ideologias preponderantes.

Segundo Aitken e Zonn (2009), o impacto de um filme sobre um público pode moldar experiências sociais, culturais e ambientais e por isso a pesquisa voltada para a produção e representação do espaço e lugar no cinema merece, sim, o interesse geográfico. As representações fílmicas, estruturadas de uma maneira particular pelo



cinema (construção da narrativa, escolha das locações, escolha dos diferentes posicionamentos e movimentos de câmera, uso do som, construção da intertextualidade e chegada na audiência) moldam a percepção, imaginação e memória sobre os espaços, lugares e paisagens, fazendo parte de um constante processo de rearrumação de “velhas” e construção de “novas” geografias Costa (2005:74). Essa rearrumação deve ser estudada para melhor compreendermos nosso entorno e nossa identidade. Além disso, ao abrir a geografia para os estudos em cinema, contribuiu-se para o movimento de aproximação entre as ciências sociais, as humanidades e as artes.

Nesse último campo de conhecimento, Alain Roger (1997) colabora para a reflexão da representação da paisagem. O autor defende a ideia de que é preciso preparar o olhar – através da aprendizagem de códigos e modelos – para interpretar e entender uma paisagem. Esse processo, o qual denomina *artialisaton*, consistiria na transformação do espaço visível através de uma apreciação estética. Para o Roger (1997), uma região não é, na sua essência, uma paisagem. Encontramos a paisagem de um lugar através da mediação da arte, e é a partir dessa mediação que elas se tornam familiares. Por isso, afirma que para um entendimento da paisagem, é necessário que primeiro se proceda a sua leitura, a sua interpretação.

4 Como, então, estudar a paisagem através do cinema?

Há duas grandes tendências no estudo do espaço no cinema. De um lado, o desenvolvimento de abordagens humanistas e dos estudos da paisagem e, de outro, o desenvolvimento de estudos socioculturais. A preocupação deste artigo recai principalmente sobre a primeira abordagem, a qual tem como problemática de análise as representações de paisagem e o significado dos lugares nos filmes. Segundo Azevedo (2009: 105), as aproximações metodológicas dessa abordagem apresentam um caráter mais interpretativo.

Sendo assim, o estudo da paisagem através do cinema deve partir de duas premissas. A primeira considera o conteúdo apresentado nos filmes a serem analisados não apenas como visões particulares de um diretor, roteirista ou produtor. Essa visão é apresentada por Araújo (2007) com base na metalinguística de Bakhtin, a qual considera não somente o locutor, mas a interlocução, as relações de co-autoria com os destinatários. Em outras palavras, o discurso seria uma ideia objetivada por intermédio de um código linguístico porque destinado a alguém ou à atitude responsiva de alguém. Segundo Araújo (2007),

o destinatário, mais do que uma abstrata meta do enunciado, é também visto como co-autor deste, na medida em que é em função dele (destinatário), em razão de suas características concretas, do contexto em que se coloca e pela antecipação de sua resposta com vista à reação que dele se pretende obter, que se define em parte o que será dito efetivamente.

Mas quais filmes apresentariam potencial de análise?

Uma pesquisa preocupada em utilizar o cinema como meio de representação da paisagem, deve utilizar filmes que tenham relevância na representação paisagística (que tenham a cidade/paisagem como um personagem) e que tenham tido significativa circulação. Marzulo (2004) trabalha com as instâncias de consagração, que, segundo o autor, são independentes do interesse de seus criadores ou proprietários.

Essas instâncias vão da exclusivamente econômica, cuja avaliação será dada principalmente pela quantidade de público e veículos interessados; às estritamente



culturais, isto é, aquelas controladas por críticos da produção cultural e pares da produção audiovisual.

Entre esses dois extremos de um hipotético *continuum* se tem diferentes variações da consagração, seja mais diretamente econômico, embora ainda no campo da cultura, pois remetendo a sua capacidade de atrair interesse público, seja em diferentes níveis que mesclam da consagração entre o público, ou públicos, ao reconhecimento especificamente cultural, manifesto em particular através da crítica e da opinião dos pares.

A partir da seleção dos filmes a partir da classificação da consagração, será possível entender o grau de circulação que esses discursos tiveram num determinado período de tempo.

A segunda premissa metodológica está ancorada na correspondência existente entre a análise da paisagem em pinturas, fotografias, literatura (e outros discursos) e no cinema. Segundo Hopkins (2009:63):

Uma paisagem pode ser representada por vários meios: flora e fauna em um parque, pintura em uma tela, palavras impressas em um romance ou poema, declarações verbais em uma conversa, a imagem fotográfica de um cartão-postal. A pintura de paisagens, as paisagens literárias e as fotografias de paisagem são, por exemplo, temas de pesquisa bem estabelecidos na geografia. Explorar a “esfera do cinema”, talvez o modo de representação mais popular e acessível da sociedade contemporânea, com exceção da televisão, não é um desvio radical de estudos mais convencionais sobre paisagens; é sim, uma razoável ampliação de nosso principal interesse na “visão” (“scape”) de nosso mundo.

Para tanto, podem ser adotadas categorias de análise de paisagem já existentes, ancoradas principalmente na geografia, na arquitetura e no urbanismo. Entre as variadas metodologias de leitura da paisagem, propõe-se aqui a de Martínez de Pisón (2006: 137), por tratar tanto de seus aspectos objetivos quanto de seus aspectos subjetivos. O autor propõe uma análise da paisagem, seguindo algumas categorias:

- a) Estrutura ou base da paisagem: composta por elementos cujas funções dependem umas das outras, e cujos componentes se inter-relacionam, articulam-se, penetram-se funcionalmente. O autor também chama esse componente de relações internas.
- b) Forma: configuração adquirida em um momento dado, volume da paisagem visível, em cuja textura se realiza a existência. É, em suma, o aspecto externo, a figura.
- c) Função: também denominada pelo autor de relações externas.
- d) Elementos: múltiplos, diversificados e misturados. Mesmo assim, é necessário identificá-los, hierarquizá-los, classificá-los e entendê-los, principalmente com relação a seu papel e significado, especialmente na estrutura, na forma e na função. São os elementos cuidadosamente estabelecidos que permitem definir o caráter, as modulações e o estado da paisagem.
- e) Unidades: uma paisagem é o resultado de um somatório de diversas unidades de menores dimensões e de diferentes escalas. É possível fracioná-las, mas sem perder o conjunto, pois sua estrutura é hierárquica e articulada.
- f) Dinâmica: as paisagens são produtos históricos que fixam o processo que as formam, pois são densos acumuladores de heranças. Portanto, são essencialmente mutantes, devido a suas modificações estruturais, morfológicas e funcionais. Nesse sentido, a história/dinâmica é um ponto de essencial importância no estudo das paisagens. Pisón ainda afirma que a paisagem não é um cenário morto. É composto por constituintes ativos no tempo e no espaço e é, por si só, um conjunto ativo. Consequentemente, a paisagem não está afetada pela dinâmica, ela é dinâmica, assim como todos os componentes de sua paisagem.



g) Conteúdos culturais: mais além do conhecimento formal externo, está finalmente a vivência da paisagem, seu descobrimento, seu conhecimento em um nível mais profundo. O estudo dessa vivência é importante visto que a paisagem é um entorno vital, uma realidade sensível, não somente matéria.

5 Conclusão

O estudo da paisagem através de sua representação no cinema merece um interesse geográfico, e, por isso, nosso olhar mais atento. O debate ainda não acabado sobre a dicotomia ou confluência entre real e representação não invalida o estudo. Pelo contrário, impulsiona a análise dessas paisagens fílmicas que ajudam, em ambas abordagens, a compreender a forma como enxergamos o mundo e construímos nossa identidade.

A paisagem e o cinema estão próximos pela diversidade de olhares e interesses que suscitam. A paisagem é um conceito que pode ser definido e utilizado por diversas disciplinas, enquanto o cinema pode ser utilizado como material para uma infinidade de análises. O cruzamento de ambos, então, gera ilimitados enfoques.

No entanto, essa multiplicidade de olhares não deve ser considerada um empecilho, ou um caminho “perigoso” para estudos acadêmicos.

Este artigo procurou mostrar que é justamente nessa diversidade e nessa compreensão atual da riqueza de dados e interpretações que as representações da cidade aportam, que há um campo fértil e ainda pouco explorado no que diz respeito à paisagem e cinema.

As diferentes e consolidadas metodologias de cada campo de conhecimento - arquitetura & urbanismo, arte, história e geografia - podem ser exploradas e reelaboradas para o estudo pretendido, criando novas frentes de produção científica à luz das novas ferramentas e preocupações com a carga simbólica com que devemos entender nossas cidades.

6 Referências

- AITKEN, Stuart e ZONN, Leo. Re-apresentando o Lugar Pastiche. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. pp. 15-58.
- ARAUJO, F. G. B. ; GUEDES, A. D. ; PETRUS, M. Regina ; GUELMAN, Regina Prado; NOGUEIRA, D. T; BARROS FILHO, R. O. Para compreender o discurso: uma proposição metodológica de inspiração bakhtiniana. In: *Anais do XIII Encontro Nacional da ANPUR*, Belém, 2007. v. CD.
- AZEVEDO, Ana Francisca. Geografia e cinema. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. P.95-127.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Probemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny. Cinema, Música e Espaço – uma introdução. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. pp. 7-13.
- COSTA, Maria Helena B. V. da. Geografia Cultural e cinema: práticas, teorias e métodos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.



COSGROVE, Denis e DANIELS, Stephen. *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge USA, 1989.

DUNCAN, J. S. e LEY, D. (org.). *Place/culture/representation*. Londres: Routledge, 1993.

HOPKINS, Jeff. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Cinema, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. P.63.

LIOTTA, Salvator-John A. A Critical Study on Tokyo: Relations Between Cinema, Architecture, and Memory: A Cinematic Cartography. In: *Journal of Asian Architecture and Building Engineering*. Vol. 6. N.2. Novembro 2007. Pp. 205-212

MARTÍNEZ DE PISÓN, Eduardo. Los componentes geográficos del paisaje. In: MARZULO, Eber. Os pobres da favela e cité no cinema: Cidade de Deus e L'Esquive. In: *Anais XXIV Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação*. Comunicação, Acontecimento e Memória. Porto Alegre: INTERCOM, 2004.

_____, e TAGLIANI, Taiana. Favela e ambiente no filme Rio 40 Graus. In: *Anais do Simpósio Imagem e Identidade e Território*. UFRJ, 2009.

PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUÉRIAT, Stéphanie. Les figures d'un pays. Les paysages wallons à la lumière de leur artialisation. In : GUCHT, Daniel e VARONE, Frédéric. *Le paysage à la croisée des regards*. Bruxelas : La lettre volée, 2006.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Éditions Gallimard, 1997.